

WINNICOTT

O BRINCAR E A REALIDADE

**TRADUÇÃO
BRENO LONGHI**

**REVISÃO TÉCNICA
LEOPOLDO FULGENCIO**

9	Introdução
13	1. Objetos transicionais e fenômenos transicionais
52	2. Sonho, fantasia e vida
69	3. O brincar – proposição teórica
91	4. O brincar – atividade criativa e a busca do self
109	5. A criatividade e suas origens
142	6. O uso de um objeto e a relação por meio de identificações
155	7. A localização da experiência cultural
168	8. O lugar em que vivemos
178	9. O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil
190	10. O inter-relacionamento independente do impulso instintivo baseado nas identificações cruzadas
220	II. Conceitos atuais do desenvolvimento adolescente e suas implicações para a educação em nível superior
240	Apêndice
241	Referências bibliográficas
248	Sobre o autor
249	Índice remissivo

Aos meus pacientes, que pagaram para me ensinar.

INTRODUÇÃO

Este livro é um desdobramento do meu artigo “Objetos transicionais e fenômenos transicionais” (1951). Em primeiro lugar, gostaria de expor novamente as hipóteses básicas, mesmo que isso represente uma redundância. Em seguida, quero introduzir os avanços mais recentes ocorridos em meu próprio pensamento e em minha avaliação do material clínico. Observando em retrospecto, fico impressionado com o modo como esse campo de conceitualização foi negligenciado ao longo da última década no debate psicanalítico que ocorre tanto entre analistas quanto na literatura. Essa área do desenvolvimento individual e da experiência parece ter sido negligenciada, enquanto a atenção se concentrava na realidade psíquica, que é pessoal e interna, assim como em sua relação com a realidade externa e compartilhada. A experiência cultural não encontrou seu verdadeiro espaço na teoria utilizada pelos analistas em seu trabalho e seu pensamento.

Obviamente, é possível perceber que essa área – que pode ser entendida como intermediária – encontrou reconhecimento nas obras de filósofos. Na teologia, ela ganha forma especial na eterna controvérsia acerca da transubstanciação e aparece com força total nas obras dos poetas metafísicos (Donne, entre outros). Minha abordagem deriva do meu estudo com bebês e crianças e, para compreender o espaço desses fenômenos na vida infantil, é preciso reconhecer a posição central do Ursinho Pooh, além de uma alegre referência aos quadrinhos do *Snoopy*, de Schulz. Um fenômeno universal, como o que analiso neste livro, não pode estar fora do alcance daqueles cuja principal preocupação é a magia da vida imaginativa e criadora.

Coube a mim ser um psicanalista que, talvez por ter sido também pediatra, percebe a importância desse fator universal

na vida de bebês¹ e crianças e, portanto, deseja integrar essa observação à teoria de que estamos o tempo todo em processo de desenvolvimento.

A essa altura, creio que todos reconhecem que não me refiro nesta parte da minha obra aos panos ou aos ursinhos usados pelo bebê – não me refiro, portanto, ao objeto utilizado, mas ao uso que se faz dele. Chamo a atenção para o *paradoxo* envolvido no modo como os bebês utilizam o que chamei de objeto transicional. Minha contribuição é pedir ao leitor que aceite, tolere e respeite esse paradoxo, em vez de resolvê-lo. Se recorrermos a uma reflexão puramente intelectual, será possível resolvê-lo, mas isso acarretaria a perda do valor do próprio paradoxo.

Uma vez aceito e tolerado, esse paradoxo é valioso para qualquer indivíduo humano que não apenas existe e vive neste mundo, mas que pode ser infinitamente enriquecido ao explorar sua conexão cultural com o passado e com o futuro. É com a extensão desse tema básico que me ocupo neste livro.

Enquanto escrevia este livro sobre os fenômenos transicionais, percebi que, em muitos momentos, relutava em dar exemplos. Minha relutância se deve à mesma razão que expus em meu artigo original: a ideia de que exemplos podem demarcar espécimes e dar início a um processo antinatural e arbitrário de classificação, ao passo que essa coisa a que me refiro é universal e dotada de variedade infinita. De fato, trata-se de algo similar à

¹ *Infant*, no original. A palavra *infant*, em inglês, é usada na linguagem corrente como sinônimo de bebê, ou criança menor de dois anos de idade, antes de falar e andar. Nesta tradução mantivemos a distinção que o autor faz entre *newborn* (recém-nascido), *infant/baby* (bebê) e *toddler* (criança pequena ou de colo). [N.E.]

descrição do rosto humano, quando tentamos fazê-la com base em seu formato, nos olhos, no nariz, na boca e nas orelhas, ainda que não existam dois rostos idênticos e pouquíssimos realmente parecidos. Dois rostos podem até ser similares quando estão em repouso, mas basta um movimento para se tornarem diferentes. Entretanto, apesar da minha relutância, não pretendo negligenciar por completo esse tipo de contribuição.

Tendo em vista que esses temas pertencem aos estágios iniciais do desenvolvimento de todo ser humano, existe um amplo campo clínico a ser explorado. Um bom exemplo seria o estudo feito por Olive Stevenson (1954), realizado quando ela estudava cuidados infantis na London School of Economics. Soube por meio do dr. Bastiaans que, na Holanda, tornou-se prática rotineira entre os estudantes de medicina incluir um levantamento sobre objetos transicionais e fenômenos transicionais quando perguntam aos pais sobre o histórico dos casos pediátricos de seus filhos. Os fatos podem ensinar.

Naturalmente, os fatos registrados precisam ser interpretados e, para que as informações recebidas e as observações feitas em contato direto com o comportamento do bebê sejam plenamente utilizadas, elas devem ser relacionadas às teorias. Desse modo, os mesmos fatos podem ter certo significado para um observador e um significado diferente para outro. Ainda assim, estamos diante de um campo promissor para a observação direta e a investigação indireta, e de tempos em tempos um estudante será levado pelos resultados de suas investigações nesse campo restrito a reconhecer a complexidade e a importância dos estágios iniciais das relações de objeto e da formação de símbolos.

Sei da existência de uma pesquisa formal sobre esses temas e gostaria de convidar o leitor a ficar atento às publicações com

temática similar. A professora Renata Gaddini, em Roma, está envolvida em um estudo complexo sobre os fenômenos transicionais, utilizando três grupos sociais distintos, e já começou a formular ideias com base em suas observações. Aprecio o uso que essa professora faz da ideia de precursores, pois ela acrescentou a esse tema geral os atos mais primitivos, como chupar o punho, os dedos e a língua, além de toda a complexidade que envolve o uso de bonecos e de chupetas. Ela também inclui o ato de balançar – tanto o movimento ritmando do corpo da criança como o balanço típico dos berços e do colo. Puxar o cabelo também é um fenômeno relacionado.

Outra tentativa de lidar com a ideia de objeto transicional foi feita por Joseph C. Solomon, de San Francisco, cujo artigo “Fixed Idea as an Internalized Transitional Object” [Ideia fixa como objeto transicional internalizado] (1962) introduz um novo conceito. Não sei até que ponto concordo com o dr. Solomon, mas o importante é que, com a teoria dos fenômenos transicionais em mãos, muitos problemas antigos podem ser analisados de um novo ponto de vista.

Neste livro, minhas contribuições devem ser vistas à luz do fato de que não estou mais em posição de realizar observações clínicas diretas de bebês, que, com efeito, são a base de tudo que utilizei para construir minha teoria. Entretanto, continuo em contato com as descrições que pais conseguem fazer de suas experiências com os filhos, desde que saibamos como dar a eles a oportunidade de se lembrar a seu próprio modo e tempo. Além disso, estou em contato com os relatos de crianças a respeito dos objetos e das técnicas que elas consideram importantes.

I

OBJETOS TRANSICIONAIS E FENÔMENOS TRANSICIONAIS

Neste capítulo apresento a hipótese original conforme a formulação de 1951, seguida de dois exemplos clínicos.

I. HIPÓTESE ORIGINAL¹

É de conhecimento geral que, logo após o nascimento, bebês tendem a utilizar o punho e os dedos para estimular a zona erógena oral, tanto para satisfazer os instintos dessa zona como em união tranquila. Sabe-se também que, após alguns meses, bebês de ambos os sexos passam a gostar de brincar com bonecas e que a maioria das mães deixa que eles tenham um objeto especial, tolerando que se tornem, por assim dizer, viciados nesses objetos.

¹ Publicado em *International Journal of Psycho-Analysis* (v. 34, parte 2, 1953) e em D. W. Winnicott, *Collected Papers: Through Paediatrics to Psycho-Analysis* (Londres: Tavistock Publications, 1958a).

Existe uma correlação entre esses dois conjuntos de fenômenos que são separados por um intervalo de tempo. Estudar como o primeiro se transforma no segundo pode ser proveitoso e permite o uso de um material clínico relevante que tem sido negligenciado.

A primeira posse

Pessoas que estão em contato constante com os interesses e os problemas das mães já estão cientes dos riquíssimos padrões comumente demonstrados pelos bebês no modo como utilizam sua primeira posse “não eu”. Uma vez exibidos, esses padrões podem ser alvo de observação direta.

Pode haver uma ampla variação na sequência de eventos que se iniciam com a atividade do recém-nascido de levar o punho à boca e que acaba levando ao apego a um ursinho, uma boneca ou um brinquedo macio ou duro.

Claramente, algo mais importante do que a excitação e a satisfação oral está em jogo, embora essas talvez sejam as bases de todo o resto. Muitas outras coisas igualmente importantes podem ser estudadas, entre as quais:

- 1 a natureza do objeto;
- 2 a capacidade do bebê de reconhecer o objeto como “não eu”;
- 3 o local do objeto – fora, dentro, no limite;
- 4 a capacidade do bebê de criar, imaginar, inventar, produzir um objeto;
- 5 o início de um tipo afetivo de relação de objeto.

Introduzi os termos “objetos transicionais” e “fenômenos transicionais” para designar a área intermediária de experiência

entre o polegar e o ursinho, entre o erotismo oral e a verdadeira relação de objeto, entre a atividade criativa primária e a projeção daquilo que já foi introjetado, entre o desconhecimento inicial da dívida e o reconhecimento da dívida (“Diga: ‘Bigadu’”).

Segundo essa definição, tanto o balbucio do bebê como a maneira pela qual uma criança mais velha percorre um repertório de canções e melodias enquanto se prepara para dormir fazem parte – como fenômenos transicionais – dessa área intermediária, assim como o uso de objetos que não fazem parte do corpo do bebê, mas ainda não são totalmente reconhecidos como pertencentes à realidade externa.

Inadequação da definição comum de natureza humana

É de conhecimento geral que, no que tange aos relacionamentos interpessoais, a definição de natureza humana não é boa o bastante, mesmo se nos permitirmos uma elaboração imaginativa da função e da totalidade da fantasia, tanto em nível consciente como inconsciente, incluindo o inconsciente reprimido. Há outro modo de descrever as pessoas surgido a partir das pesquisas realizadas nas últimas duas décadas. A respeito de cada indivíduo que atingiu o estágio de unidade dotada de uma membrana limitadora e da noção de dentro e fora, é possível afirmar que existe para ele uma *realidade interna*, um mundo interior que pode ser rico ou pobre, que pode estar em paz ou em estado de guerra. Isso ajuda, mas será suficiente?

Defendo que, se existe a necessidade dessa definição dupla, uma definição tripla também se faz necessária: a terceira parte da vida de um ser humano, a parte que não podemos ignorar, é uma área intermediária de *experimentação*, constituída pela realidade interior e pela vida exterior. Trata-se de uma área que

SOBRE O AUTOR

Donald Woods Winnicott nasceu em 7 de abril de 1896, em Plymouth, na Inglaterra. Estudou biologia e depois medicina na Universidade de Cambridge, onde se formou em 1920. Em 1923, foi contratado pelo hospital infantil Paddington Green – onde trabalhou pelos 40 anos seguintes –, se casou com a artista plástica Alice Taylor e começou sua análise pessoal com o Dr. James Strachey, tradutor da edição Standard das obras de Sigmund Freud para o inglês. Em 1927 começou sua formação analítica na Sociedade Britânica de Psicanálise. Publicou seu primeiro livro em 1931, *Clinical Notes on Disorders of Childhood* [Notas clínicas sobre distúrbios da infância]. Pouco depois, iniciou uma nova análise com Joan Riviere. Em 1934, concluiu sua formação como analista de adultos e, em 1935, como analista de crianças. Durante a Segunda Guerra, Winnicott trabalhou com crianças que haviam sido separadas de suas famílias e evacuadas de grandes cidades. Com o fim da guerra, foi contratado pelo Departamento Infantil do Instituto de Psicanálise de Londres, onde atuou por 25 anos. Após um casamento conturbado, divorciou-se de Alice Taylor em 1949, casando-se em 1951 com a assistente social Clare Britton. Foi presidente da Sociedade Britânica de Psicanálise por duas gestões, membro da Unesco e do grupo de especialistas da OMS e professor no Instituto de Educação da Universidade de Londres e na London School of Economics. Publicou onze livros e centenas de artigos. Entre 1943 e 1962, realizou cerca de cinquenta programas sobre maternidade na rádio BBC de Londres.

OBRAS PUBLICADAS EM VIDA

Clinical Notes on Disorders of Childhood. Londres: Heinemann, 1931.
Getting to Know Your Baby. Londres: Heinemann, 1945.

The Child and the Family. Londres: Tavistock, 1957.

The Child and the Outside World. Londres: Tavistock, 1957.

Through Paediatrics to Psychoanalysis: Collected Papers. Londres: Tavistock, 1958.

The Child, the Family, and the Outside World. Londres: Pelican Books, 1964.

The Family and Individual Development. Londres: Tavistock, 1965.

The Maturation Processes and the Facilitating Environment: Studies in the Theory of Emotional Development. Londres: The Hogarth Press, 1965.

Playing and Reality. Londres: Tavistock, 1971.

Therapeutic Consultations in Child Psychiatry. Londres: The Hogarth Press, 1971.

OBRAS PÓSTUMAS

The Piggle: An Account of the Psychoanalytic Treatment of a Little Girl. Londres: The Hogarth Press, 1977.

Deprivation and Delinquency. Londres: Tavistock, 1984.

Babies and their Mothers. Reading: Addison-Wesley, 1987.

Human Nature. New York: Schocken Books, 1988.

Home Is Where We Start From: Essays by a Psychoanalyst. New York: W. W. Norton & Company, 1990.

The Collected Works of D. W. Winnicott. Oxford: Oxford University Press, 2016.

WINNICOTT NA UBU

O brincar e a realidade. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

Bebês e suas mães. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

Da pediatria à psicanálise. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

Tudo começa em casa. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

© Ubu Editora, 2019

COORDENAÇÃO EDITORIAL Florencia Ferrari
ASSISTENTES EDITORIAIS Isabela Sanches e Júlia Knaipp
CONSELHO TÉCNICO Ana Lila Lejarraga,
Christian Dunker, Gilberto Safra, Tales Ab’Saber
REVISÃO TÉCNICA Leopoldo Fulgêncio
PREPARAÇÃO Cacilda Guerra
REVISÃO Rita de Cássia Sam
DESIGN Elaine Ramos
ASSISTENTE DE DESIGN Livia Takemura
PRODUÇÃO GRÁFICA Marina Ambrasas

*Nesta edição, respeitou-se o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior – CRB-8/9949



Winnicott, Donald W. [1896–1971]
O brincar e a realidade/Donald W. Winnicott; traduzido
por Breno Longhi/São Paulo: Ubu Editora, 2019
256 pp./ISBN 978 85 7126 036 8

1. Psicanálise. 2. Brincar. 3. Crianças. 4. Desenvolvimento
da criança. I. Longhi, Breno. II. Título.

	CDD 155.4
2019-1458	CDU 159.922.7

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicologia infantil 155.4
2. Psicologia infantil 159.922.7

UBU EDITORA
Largo do Arouche 161 sobreloja 2
01219 011 São Paulo SP
(11) 33312275
ubueditora.com.br
professor@ubueditora.com.br
  /ubueditora